

WALTER BENJAMIN E O MÉTODO CONSTELAR DO PENSAMENTO: PROPOSIÇÃO DE PESQUISA EM PSICOLOGIA SOCIAL

 <https://doi.org/10.56238/arev7n2-018>

Data de submissão: 04/01/2025

Data de publicação: 04/02/2025

Rafael Wolski de Oliveira
E-mail: rafaelwolski@gmail.com

Analice de Lima Palombini
Pós doutorado
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma metodologia de pesquisa inspirada em Walter Benjamin que, no cenário de guerra às drogas e marcado pelo proibicionismo, proporcionou produzir outras narrativas sobre o uso de drogas ilícitas diferentes das hegemônicas e “oficiais”. Para problematizar o fenômeno do uso de drogas ilícitas em uma sociedade marcada pelo proibicionismo e apresentar uma perspectiva de produção de subjetivação imbricada com o histórico, o político e o social, nosso método de análise/construção das narrativas se orientou por um movimento constelar do pensamento, a partir de uma perspectiva decolonial, ao olhar sobre o fenômeno do uso de drogas em contexto sul-americano. Dessa forma, este artigo explorará uma construção teórica sobre o método constelar e apresentará uma narrativa construída a partir dessa metodologia de pesquisa em psicologia social.

Palavras-chave: Psicologia Social. Pesquisa em Psicologia. Drogas. Saúde Mental.

1 INTRODUÇÃO

As narrativas têm sido frequentemente utilizadas em pesquisas qualitativas para compreender, num determinado contexto, diferentes visões de sujeitos, segundo Onocko-Campos et. al. (2013). A partir de Walter Benjamin, estes autores referem que a "narração tem como alvo a transformação do presente" (p. 2850) e que não há uma técnica narrativa apropriada que "conseguiria responder às perguntas levantadas ou "extrair" a narrativa certa" (p. 2848).

É bastante conhecido o apontamento de Benjamin de que a arte de narrar, transformar experiência em narração, está em extinção. Segundo o autor, isso se dá pelo fato de que as experiências estão deixando de ser comunicáveis enquanto a informação desponta como uma nova forma de comunicação. "Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por este declínio" (2010, p. 203). Para Benjamin, os fatos já nos chegam impregnados de explicações: "Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes" (p. 203). Assim, "quase nada está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação" (p. 203).

Passados mais de setenta anos desde a escrita desse texto por Benjamin, podemos dizer que aprofundamos os mecanismos da instantaneidade da informação, bombardeados incessantemente por fatos e imagens através das redes sociais; e assistimos à agonia do jornalismo investigativo, à ascensão e ao predomínio do sensacionalismo descartável; isso sem falar no fenômeno da disseminação dos factoides, evidenciado nos últimos anos. No Brasil e em outros países, como os EUA, existem programas na TV aberta com uma taxa alta de audiência, chamados de programas popularescos, que reiteram dia após dia, apenas com a manipulação da informação, a relação entre uso de drogas e criminalidade.

Em seu texto, Benjamin constata que os combatentes que haviam participado do front na segunda guerra mundial retornavam mudos do campo de batalha, pobres em experiência comunicável. "E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca." (BENJAMIN, 2010, p. 198). Contudo, Benjamin relata que "não havia nada de anormal nisso" (p. 198), pois nunca houve experiência mais radicalmente desmoralizada que a guerra.

Esta escrita tem como objetivo apresentar uma metodologia de pesquisa inspirada em Walter Benjamin, o qual, no cenário de guerra às drogas e marcado pelo proibicionismo, proporcionou produzir outras narrativas sobre o uso de drogas ilícitas diferentes das hegemônicas e "oficiais".

2 METODOLOGIA

Diversas áreas de conhecimento tecem críticas a metodologias de investigação que pressupõem um papel de neutralidade do pesquisador. Contudo, a partir do reconhecimento de que a produção de saberes também produz modos de subjetivação, tem crescido a formulação de práticas de pesquisa que não somente reconheçam a impossibilidade de neutralidade do pesquisador em campo como também incorporem no processo de pesquisa um papel ativo do mesmo. O pesquisador não vai a campo “extrair” dados de pesquisa ou confirmar hipóteses, mas participar, através da pesquisa, de encontros que produzam experiência e conhecimentos. Na psicologia social, essa possibilidade de construção lateralizada de saberes, entre sujeitos acadêmicos e do campo, pode ser materializada em diversas abordagens de pesquisa, como a pesquisa-ação (TRIPP, 2005), a pesquisa-intervenção (ROCHA & AGUIAR, 2003), a pesquisa cartográfica (BARROS & KASTRUP, 2012), a pesquisa decolonial (MIGNOLO, 2003), entre outras.

Seguindo esta perspectiva, a escolha do método utilizado nesta pesquisa, através da construção de narrativas com pessoas que fazem uso de drogas ilícitas, foi também uma escolha política na forma de abordagem da temática. Ao invés de optar por uma metodologia que propõe a construção de verdades ou generalizações – como seria o caso de um estudo da incidência de uso de determinadas drogas, padrão de consumo, idade de início de utilização, efeitos das substâncias no comportamento ou no organismo etc. –, a metodologia em questão optou pela narrativa como forma de encarar a temática por uma via pouco explorada, escapando aos formatos hegemônicos com que ela tem sido frequentemente abordada no âmbito acadêmico.

Ao longo da pesquisa, foram entrevistadas um total de 14 pessoas, autodeclaradas usuárias de drogas ilícitas, acessadas através do método bola de neve (snowbal), residentes em oito cidades de quatro estados brasileiros. A pergunta disparadora para a construção das narrativas foi “qual a sua experiência com o uso de drogas?”. Ao todo, uma mulher trans, onze homens e duas mulheres cis. A faixa etária dos entrevistados foi de 27 a 60 anos, sendo que uma das pessoas não revelou sua idade. Quanto à raça, duas mulheres brancas e uma mulher trans negra, cinco homens negros e seis homens brancos participaram da pesquisa. A maioria dos entrevistados (dez pessoas) era considerada de classe média e quatro deles encontravam-se em situação de pobreza. Dois homens negros e a mulher trans negra tinham vivido em situação de rua e um dos homens negros estava em situação de rua no momento da pesquisa. Quanto à escolarização, quatro pessoas com pós-graduação, três pessoas com graduação completa, uma pessoa cursando o ensino superior, duas pessoas com ensino fundamental completo, duas pessoas com ensino médio completo, uma pessoa com ensino fundamental incompleto e uma pessoa cursando o ensino fundamental. A pesquisa foi realizada de acordo com as

recomendações éticas para a realização de estudos com seres humanos, conforme as Resoluções 510/2016 e 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016; BRASIL 2012). O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS.

Para problematizar o fenômeno do uso de drogas ilícitas em uma sociedade marcada pelo proibicionismo e apresentar uma perspectiva de produção de subjetivação imbricada com o histórico, o político e o social, nosso método de análise/construção das narrativas se orientou por um movimento constelar do pensamento, como proposto por Walter Benjamin em suas teses sobre o conceito de história, situada no contexto de quem observa o fenômeno do uso de drogas a partir do sul, ou seja, no contexto sul-americano. Dessa forma, iremos explorar uma construção teórica sobre o método constelar e apresentar uma narrativa construída a partir desta metodologia de pesquisa em psicologia social.

3 RESULTADOS

Para a análise dos fenômenos sociais a que se dedica, Benjamin se vale de um método que não se propõe totalizante, assumindo o caráter fragmentário, histórico e não linear do conhecimento — características que também podem ser atribuídas à sua obra, com uma presença marcante de inacabamento e que se atualiza (no sentido de se tornar atual) mesmo após tanto tempo de sua escrita.

A ideia de constelação aparece brevemente, como um relampejar, em pequenos trechos de sua obra, primeiro no livro “Origem do drama barroco alemão”, de 1925, onde Benjamin tece suas questões introdutórias de crítica do conhecimento, refutando a ambição do método científico em capturar a verdade, unitária e indivisível por natureza. Neste sentido, cabe destacar um trecho desse texto, que delinea algumas diretrizes utilizadas na metodologia de análise e composição das narrativas em nossa proposta de pesquisa:

O conjunto de conceitos utilizados para representar uma ideia atualiza essa ideia como configuração daqueles conceitos. Pois os fenômenos não se incorporam nas ideias, não estão contidos nelas. As ideias são o seu ordenamento objetivo virtual, sua interpretação objetiva. Se elas nem contêm em si os fenômenos, por incorporação, nem se evaporam nas funções, na lei dos fenômenos, na “hipótese”, cabe a pergunta: como podem elas alcançar os fenômenos? A resposta é: na representação destes fenômenos. Como tal, a ideia pertence a uma esfera fundamentalmente distinta daquela em que estão os objetos que ela apreende. Por isso não podemos dizer, como critério para definir sua forma de existência, que ela inclui esses objetos, do mesmo modo que o gênero inclui as espécies. Porque não é essa sua tarefa. Sua significação pode ser ilustrada por uma analogia. As ideias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas. O que quer dizer, antes de mais nada, que as ideias não são nem os conceitos dessas coisas, nem as suas leis. (BENJAMIN, 1984, p. 56).

A metodologia baseada em uma lógica representacional sempre trará resultados distintos do fenômeno investigado em si. Dessa forma, junto à crítica da lógica representacional – lógica tão presente em algumas perspectivas teóricas da psicologia, tendo um certo destaque na produção de pesquisa acadêmica no mundo, em diferentes campos de conhecimento –, Benjamin propõe pensar um método para o qual a origem não se destaca dos fatos e estes se relacionam sempre, no momento presente, com sua pré e pós-história. Citando a monadologia de Leibniz, Benjamin reitera que “a ideia é mônada” (1984, p. 70), ou seja, cada fragmento de imagem contém a imagem do mundo. “A representação da ideia impõe como tarefa, portanto, nada menos que a descrição dessa imagem abreviada do mundo” (1984, p. 70). Essa ideia de descrição da imagem não demanda uma postura da extração da imagem verdadeira, mas, sim, implica um exercício do olhar, da forma como se ligam os pontos dentro de uma multiplicidade infinita que se oferece à contemplação.

É nesse sentido que os autores Otte e Volpe (2000) propõem, a partir desta analogia sugerida por Benjamin, um olhar constelar sobre o pensamento. Constelar, porque não conseguimos enxergar todas as estrelas; o brilho que visualizamos de algumas correspondem a estrelas não mais existentes; e, com respeito àquelas que ainda existem, o que observamos são suas imagens do passado. Ou seja, dada a distância espacial entre o observador e o ponto brilhante, somada à velocidade da luz – que impõe uma diferença temporal –, nunca dispomos de acesso à totalidade, mas, sim, a fragmentos.

Em uma perspectiva histórica, o fascínio pela observação das estrelas é registrado em diferentes culturas e diferentes tempos. Na América do Sul e Central, temos templos de observação astronômica em sítios arqueológicos de sociedades originárias, como nas civilizações Mayas, Astecas e Incas. De acordo com Otte e Volpe (2000), as constelações são estimuladas pela imaginação dos observadores, ao traçar linhas entre os pontos brilhantes, formando narrativas e figuras de acordo com as épocas.

A constelação conhecida aos romanos como Ursa Maior, por exemplo, era a carroça de Alexandre para os gregos; o arado para os egípcios; os sete rishis ou sábios, para os indianos e passou a ser conhecida, no mundo contemporâneo, como um instrumento prático: o big dipper, a grande concha. (OTTE e VOLPE, 2000, p. 36).

4 DISCUSSÃO

No Brasil, os povos originários, em suas diferentes etnias, apresentam uma diversidade de formas de perceber os objetos celestes e de os incorporarem a suas vidas sociais. Recentemente, uma série de publicações busca dar visibilidade e retomar essa cosmovisão, passada de geração em geração através da oralidade, sendo algumas destas publicações efetivadas pelos próprios membros de etnias indígenas. Ou seja, muitos grupos indígenas ainda preservam o conhecimento de suas próprias

maneiras de ver as estrelas (DIAKURU E KISIBI, 2006; AFONSO, 2009; LIMA et al, 2013). De acordo com Afonso (2009), o indígena brasileiro “também percebeu que as atividades de pesca, caça, coleta e lavoura obedecem a flutuações sazonais. Assim, ele procurou entender essas flutuações cíclicas e utilizou-as, principalmente, para a sua subsistência” (p. 01). As constelações da Ema, da Garça, da Anta do Norte, do Homem Velho, são frutos dessa visão, não podendo, porém, ser consideradas como a cosmovisão indígena brasileira, pois existem diferenças entre as etnias. Contudo, é perceptível que, na cosmovisão dos povos originários da nossa terra, as relações entre céu e terra se apresentam de forma diferente da relação do branco europeu com os corpos celestes. Em algumas etnias, poderiam inclusive indicar o tempo próprio para rituais onde o consumo de substâncias as quais chamaríamos de drogas seria propício. É o caso da cultura Desana, da região amazônica, para a qual o período final da enchente, anunciado pela posição da constelação da garça, mostra-se propício à preparação do cipó de caapi, relacionando-se também com uma série de outros acontecimentos, conforme Diakuru e Kisibi:

Segundo o nosso grupo, o ano começa na segunda quinzena do mês de agosto, quando a constelação yahi (garça) entra no poente, ao cair da tarde. Chama-se yahi puuro (enchente da garça). Yahi puuro é uma pequena enchente. Nessa época, os povos indígenas da região esperam as saúvas da noite (nami megã) e as rainhas das maniuaras (megã diarã) voarem para pegá-las para comer. É também o aniversário da chegada da Canoa de Transformação na Cachoeira de Ipanoré. É por isso que, nesse tempo, chegam e encostam em Ipanoré todos os tipos de peixes, tais como tigramtt (mandi), boreka (aracu), waittt (surubirn) etc. Esses peixes simbolizam a chegada da Gente de Transformação nessa cachoeira. (2006, p. 18).

É possível perceber a conectividade entre os diversos elementos dessa cena. Esta pesquisa – inspirada em Benjamin mas também no que ensinam nossos povos ancestrais –, diferentemente de uma metodologia científica dita tradicional, que tem como paradigma o gesto de isolar os fenômenos para melhor compreendê-los, buscou a conexão entre as narrativas para dialogar com questões complexas como o uso de drogas. A ciência, voltada a explicar as interrogações a partir do isolamento, acabou por apagar uma série de outras formas de entendimento sobre os fenômenos da natureza e da vida. Os saberes considerados profanos, mesmo aqueles que confirmavam os mesmos resultados obtidos pelas metodologias hegemônicas, mas a partir de métodos distintos, viram-se destituídas de seu estatuto de verdade. A busca da verdade através da ciência tradicional acabou por gerar um modelo hegemônico de se fazer ciência, ocidentalizado e asséptico.

Afonso (2009, 2013) e Lima et. al. (2013) apontam que diferentes missionários, etnólogos e naturistas registraram as formas dos indígenas brasileiros se relacionarem com o céu. Os autores retomam os escritos resultantes de uma expedição de dois capuchinhos franceses (Claude d’Abbeville e Yves d’Évreux), realizada no ano de 1614, junto aos Tupinambá no Maranhão. D’Abbeville

apresenta em detalhes a descrição do sistema celeste da forma como era compreendido por aquele grupo indígena. “Sobre a observação do céu pelos Tupinambá do Maranhão, d’Abbeville afirma que eles conhecem a maioria dos astros e estrelas do hemisfério aos quais denominam de modo próprio, de acordo com sua tradição.” (LIMA et al, 2013, p. 107). Contudo, merece destaque, nos escritos de d’Abbeville, as relações estabelecidas pelos Tupinambá entre céu e terra a partir da lua:

Graças à descrição de d’Abbeville, dispomos de algumas informações a respeito do que os Tupinambá conheciam sobre a Lua. Distinguiam-lhe as fases, bem como diversas outras coisas a ela relacionadas, como o eclipse lunar a que chamavam de yasseuh pouyton. Outra observação importante feita por d’Abbeville concerne ao fato de os Tupinambá relacionarem a Lua às marés, demarcando bem as marés que se formam na Lua Cheia e na Lua Nova. Essa observação tem um significado importante, pois, na época em que d’Abbeville escreveu o seu livro, as causas das marés, embora fossem motivo de debates, ainda não tinham sido determinadas. (LIMA et al, 2013, p. 108).

Afonso (2009) chama a atenção que, vinte anos após este escrito de d’Abbeville, o astrônomo Galileu Galilei refuta a ideia da influência da lua nas marés, entendendo esse fenômeno relacionado ao movimento de rotação da terra. Somente setenta anos mais tarde, Isaac Newton demonstra que a atração gravitacional da lua sobre a terra é a causa principal das marés. Ou seja, muito antes das descobertas científicas européias trazerem conhecimento ao mundo, os povos que aqui habitavam já dispunham desse saber.

Destacamos estes entendimentos regionais, brasileiros e sul-americanos –entendimentos constelares distintos das convenções internacionais – como inspiração para a análise das narrativas, visando outras compreensões e caminhos de pesquisa no campo do álcool e drogas. Circulamos, então, por narrativas que comumente são apagadas no curso da história – narrativas “menores”, não hegemônicas, que não têm a pretensão de representar o todo.

A perspectiva constelar do pensamento, como metodologia de pesquisa, leva em consideração as imagens-narrativas e o lugar do observador, seus lugares no mundo histórico-político-social. Como refere Otte e Volpe, “não se trataria apenas de um conjunto (con-stelação), mas de uma imagem, o que significa, em primeiro lugar, que a relação entre seus componentes, as estrelas, não seja apenas motivada pela proximidade entre elas, mas também pela possibilidade de significado que lhes pode ser atribuída” (2000, p. 37). Neste sentido, ao não se trabalhar com uma hipótese previamente formulada em relação aos achados de pesquisa, a proposição do pesquisador é de operar como um colecionador das imagens, “pois os fragmentos colecionados – como as peças do mosaico – não possuem um significado próprio” (2000, p. 43).

O exercício ativo de montagem do mosaico das narrativas, ao criar linhas que se interligavam umas às outras, tratando-se de um método de análise em pesquisa, impõe um desafio referido à

coletivização da experiência. Há o risco de observar um agrupamento de estrelas como se observam as nuvens, atribuindo a elas formas e arranjos efêmeros que ficarão restritos ao universo do pesquisador. O processo de “colheita” de narrativas e o de análise das mesmas são realizados como etapas não só complementares, mas indissociáveis, para dar conta da complexidade da interlocução entre pesquisador e campo de pesquisa.

Além disso, este processo de pesquisa, como forma de produzir conhecimento sobre drogas no cenário contemporâneo, inspirou-se fortemente nas teses de Benjamin sobre o conceito de história, seu último trabalho, já citado anteriormente, escrito em 1940, antes da tentativa de escapar da captura nazista aos judeus em território francês, que acabou custando sua vida. Nesse escrito – considerado atual, por abordar questões que tocam a cultura contemporânea, e profético, por parecer anunciar o holocausto e Hiroshima (LÖWY, 2005) –, Benjamin novamente traz a ideia de constelação, quinze anos após a publicação da obra *Origem do drama barroco alemão*. Segundo Löwy (2005), o estímulo para Benjamin, ao escrever as teses, surge do conturbado momento histórico em que vivia, com o começo da Segunda Guerra Mundial e a ocupação da Europa pelas tropas nazistas; mas as teses também constituem uma síntese e a expressão de toda sua obra.

Benjamin ([1940] 1994) então problematiza o conceito de história e a função do historiador (ou cronista), problematizações estas conexas à psicologia social, dada a concepção de sujeito como constructo histórico-social. Escovar a história a contrapelo é o principal indicativo de Benjamin para o desenvolvimento dessa função, ao sinalizar que o historiador do historicismo identifica-se afetiva e inegavelmente com os vencedores. Neste sentido, é necessário um esforço para que aqueles que detêm o poder da comunicação e da reprodutibilidade técnica não apaguem as chamas do passado, chamas onde insurreições dos oprimidos, ou dos vencidos, atualizam o presente. Embora Benjamin nomeie de materialismo histórico sua proposta, concordamos com Löwy de que a proposta metodológica de Marx e Engels é reinterpretada por Benjamin, revelando “uma versão heterodoxa, herética, idiossincrática, inclassificável” (2005, pág. 59).

Para Benjamin ([1940] 1994), o pensar não inclui apenas o movimento das ideias, mas também a sua imobilização, quando se reconhece um sinal dos acontecimentos para explodir o continuum da história (dos vencedores) e uma oportunidade de luta por um passado reprimido. O autor retoma as ideias constelares como método fecundo para redimir passado e presente, com vistas ao futuro. Dessa forma, cabe ao cronista narrar os acontecimentos sem a distinção entre grandes e pequenos, levando em conta que, para a história, nada que um dia aconteceu deve ser considerado perdido. “A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento que é reconhecido” (1994, pág. 224).

Neste sentido, esta pesquisa teve como escolha política a construção das narrativas junto com os que, nas discussões sobre drogas, constituem o lado vencido (ou oprimido): os usuários. Através de linhas que ligam as narrativas umas às outras, como constelações, procurou-se perspectivas diferentes das hegemônicas na história do uso de drogas e seus impactos no social e nos sujeitos. A seguir, uma das narrativas construídas:

Comecei a usar, até com uma certa frequência periódica, mais do que... Bem, como se fosse um uso mensal de cocaína, mas não era o uso de pouca quantidade, era o uso de passar a noite, então, de criar estratégias, com parceiro, com conhecidos. Um amigo meu, uma pessoa mais velha, que conheço há uns anos já, e que se aposentou, um guerreiro, trabalhou em universidade pública e tal, ele é usuário antigo de crack, e eu sempre fui uma pessoa sestrosa com o uso do crack, até 3 anos atrás nunca tinha usado foi quando eu experimentei e também estava pensando nesse experimento, já, desde o início, como uma estratégia, vamos usar tudo que a gente puder em 24 horas, em um dia de sexta pra sábado, e evitar indo em boca e dentro de casa, jogando general, jogando dominó, baralho, carreado e sessão de 40-50 pedras entre duas pessoas. Quando tive a primeira sessão de uso nessa intensidade, eu tive reações assim bem físicas, vomitei, coisa que já há tempos não acontecia comigo, não acontecia mais com doce, com cocaína, cocaína até algumas ruins me fizeram isso também, mas não era o caso, só o álcool, uma vez que a pessoa se atrapalha ainda, a gente cria um monte de estratégias para reduzir os danos, se cuidar, mas volta e meia tá cansado e bebe e pega no volante, aconteceu comigo, em uma blitz né, eu bebi, estava bem seguro, mas me botei em uma experiência horrível, de carteira cassada, pagar toda aquela dinheirama, aquela sentada na graxa, então, cara se coloca em risco. Mas enfim, o crack me surpreendeu assim, porque ele me lembrou uma outra substância mais enteógena como a ayahuasca, que tem uns momentos ruins de bad trip e uns momentos bons de good vibe, e o crack quando ele me fez essa analogia de uso, eu tirei comigo como uma verdade arriscada. Mas toda droga pode ter uso enteógeno, independente da sua natureza, se ela é natural no sentido orgânico, como uma flor de cannabis, independente se ela tem um processo químico mais rústico, ou se ela tem um processo químico mais sintético, artificial, qualquer substância, nas minhas experiências, tem esse poder enteógeno, então ela é uma substância de poder, o crack é uma substância de poder, que pode despertar seus deuses ou seus demônios e você tem que lidar com isso. Digo enteógeno no sentido religioso, os caras devem achar uma blasfêmia isso que eu estou dizendo o que é lido, entra dentro de um contexto cultural como o Santo Daime, como a União do Vegetal, outras linhagens que hoje existem do uso da ayahuasca sejam elas mais sincréticas do ponto de vista africano, do ponto de vista das culturas indígenas latino-americanas, as entidades e os cantos que usam, tem mais perspectiva daquilo ser algo sagrado. Aquela substância é uma substância sagrada, ela vai passar para ti um processo de visões de si, tem todo o contexto de cuidado no uso dessa substância, tem a pessoa que coordena, ela não coordena sem prestar atenção sobre o efeito nas pessoas que estão na roda, tentando conduzi-las para situações de não se expor ao risco, mas curtir a loucura mesmo, se é forte, se tu viu teu demônio e tá tendo que se deparar com ele, tu vai ter que se deparar com ele, então é essa a experiência do enteógeno. O que é uma experiência difícil a princípio, ela passa difícil mas também ela é reveladora, só que claro é um longo uso, é uma dose pequena para um efeito largo, e no crack são várias micro doses para manter esses efeitos lá, e é bom cara, é bom, me divirto, é tipo encontrar um amigo, botar o papo em dia, tomar uma cervejinha, jogar um joguinho, uma jogatina, a gente aposta umas fichinhas de vidro, não tem dinheiro, é só parceria mesmo, papo pra lá, papo pra cá, só que em algum momento também, ficou mais intensivo do que gostaria, também me sentindo mais culpado na relação que o meu amigo é mais velho e tem asma, e ele é um sobrevivente, já usou de tudo, inclusive com ele foi com quem também eu usei droga injetável, de velho eu usei um arpão de cocaína, de velho, foi até no aniversário dele, então os dias vão meio que se juntando, e alguns, eu, no caso, sou um cara que me lanço muito nessa experiência, tenho ressignificado mais esse lugar identitário de “junkie”, e me colocado em situações de menos risco, principalmente o álcool, o álcool é uma substância da qual eu tenho tomado mais cuidado, principalmente pra dirigir e tal. E o doce também, tive umas boas experiências, e mais uma não deu muito certo, acabei tomando no lugar errado, na hora errada, e era uma

substância muito boa, ela ia durar muitas horas, e eu estava de moto, tive que esperar aquela experiência passar o máximo possível, e foi ruim, me planejei mal, esse ano, meses atrás, e eu já tive uma experiência muito boa com ela, em casa. Então, ao mesmo tempo é isso, é o deus e o demônio, pode tornar a experiência como esse lugar mais de encontro, medicinal, enfim, tenho curtido essa pira, e o crack, com esse amigo eu conversei com ele sobre isso, e ele achou muito interessante, porque ele sempre vomita, ele vomita horrores, e aí eu lembrei que a ayahuasca a gente vomita também, então nem sempre, nem sempre. Tem coisas que tu precisas botar para fora, quando você vomita com a ayahuasca, é algo que tu precisas botar pra fora, traz isso pra ser um uso do crack, claro, estou falando isso dentro de um contexto de pessoas com ensino superior, homens, pardos, brancos, com uma vida ativa, de várias formas, com trabalho, com família, com lazer, com militância, ativismo, mas que usam drogas, eu uso maconha, todo dia, minha medicina, e por exemplo, tenho feito as pazes com o uso da maconha porque toda a medicina, toda a droga né, tem efeitos colaterais, tem as experiências difíceis, e também tem a intoxicação, e a gente acaba criando tolerância, o excesso também intoxica, a intoxicação do álcool para mim é horrível, e a da maconha também, mas eu fumar todo dia, não quer dizer que todo o dia, tem momentos, ciclos, que eu fumo mais do que outros, aí eu acho que tem uma auto regulação também, que é pensar que quando eu mais preciso, mais eu uso, e quanto menos, menos eu uso, tem a ver com o momento da vida, com o momento do trabalho, da família, com o momento de ócio, mas para mim é meio que um estabilizador. (Homem, branco, 36 anos, pós-graduado (mestrado).

5 CONCLUSÃO

Um desafio colocado à pesquisa em psicologia social se refere a investigar os processos de subjetivação sem recair em construções de verdades sobre determinadas temáticas e, ao mesmo tempo, sem perder um necessário rigor metodológico para aprofundar os fenômenos pesquisados. Neste sentido, a utilização do método constelar do pensamento, inspirado em Walter Benjamin, pode ser oportuno e potente para abordagem de fenômenos complexos da contemporaneidade, como é o caso do uso de drogas ilícitas em uma sociedade marcada pelo proibicionismo.

Em síntese, fazer da pesquisa uma constelação consiste em posicionar as narrativas como estrelas, desenvolvendo a escrita a partir do que as narrativas acionam no pesquisador: o que elas suscitam, quais autores são convidados a dialogar com elas, a compor, com elas, uma relação de ligação. Não se trata a priori de um campo investigativo onde se busca confirmar hipóteses ou coletar dados. Tampouco se trata de buscar o sentido por trás das narrativas, ou analisar o conteúdo das mesmas, recaindo em uma lógica representacional. Neste sentido, assim como diferentes povos olham aos céus e atribuem significados às estrelas relacionados às suas culturas, é preciso olhar para os fenômenos que investigamos em nossas pesquisas e construirmos constelações a partir do lugar de onde estamos. No caso do uso de drogas, em um contexto brasileiro, sul-americano, convidarmos à discussão cosmovisões que situem este uso fora dos atravessamentos coloniais pode ser oportuno para deslocarmos nosso entendimento das narrativas oficiais sobre o uso de drogas.

As narrativas, agrupadas como constelações, permitem uma metodologia onde determinados arranjos operam na lógica de visibilizar. Assim, na pesquisa que aqui se apresenta, o método foi determinante para irrupção de outros discursos sobre a relação com o uso de drogas.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Germano Bruno. Astronomia indígena. *Reunião anual da SBPC*, 61, 1-5. 2009. Recuperado de http://www.sbpcnet.org.br/livro/61ra/conferencias/CO_GermanoAfonso.pdf
- BARROS, Laura Pozzana. & KASTRUP, Virginia. Cartografar é acompanhar processos. In PASSOS, Eduardo., KASTRUP, Virgínia. & ESCÓSSIA, Liliana. (Org), *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 52 – 75). Porto Alegre, Brasil: Sulina. 2012
- BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Barroco Alemão*. São Paulo, Brasil: Brasiliense. 1984.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, Arte e Política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasil: Brasiliense. 1994.
- BRASIL. *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Brasília: Autor. Recuperado de <http://bit.ly/1mTMIS3>
- BRASIL. *Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016*. Brasília: Autor. Recuperado de <http://bit.ly/2fmnKeD>
- DIAKURU, Américo Castro Fernandes. & KISIBI, Durvalino Moura Fernandes. *Bueri Kãdiri Marĩriye – Os ensinamentos que não se esquecem*. São Gabriel da Cachoeira, Brasil: UNIRT/FOIRN. 2013.
- LIMA, Flavia Pedroza., BARBOSA, Priscila Faulhaber., CAMPOS, Marcio D’Olné. & JAFELICE, Luiz Carlos. Astronomia indígena: relações céu-terra entre os indígenas no Brasil: distintos céus, diferentes olhares. In MATSUURA, Oscar Toshiaki. (Org), *História da astronomia no Brasil* (87 – 131). Recife, Brasil: CEPE. 2013.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio: uma leitura das teses “Sobre o Conceito de História”*. São Paulo, Brasil: Boitempo. 2005.
- MIGNOLO, Walter. Decolonialidade como caminho para a cooperação. *IHU on Line* n.431. 2013. Recuperado de <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5253-walter-mignolo>
- ONOCKO-CAMPOS, Rosana., PALOMBINI, Analice. de Lima., LEAL, Erotildes., JUNIOR, Octavio Dumont de Serpa., BACCARI, Ivana Oliveira Preto., FERRER, Ana Luiza., DIAZ, Alberto Giovanello . & XAVIER, Maria Angélica Zamora. Narrativas no Estudo das Práticas em Saúde Mental: Contribuições das Perspectivas de Paul Ricoeur, Walter Benjamim e da Antropologia Médica. *Ciênc. saúde coletiva* 18(10), 2847 – 2857. 2013. doi: 10.1590/S1413-81232013001000009
- OTTE, Georg. & VOLPE, Miriam Lídia. Um Olhar Constelar Sobre o Pensamento de Walter Benjamin. *Fragmentos* 18, 35 – 47. 2000. doi: 10.5007/fragmentos.v18i0.6415
- ROCHA, Marisa Lopes. & AGUIAR, Katia Faria. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicol. cienc. prof. [online]*. 23(4), 64 – 73. 2003. doi: 10.1590/S1414-98932003000400010
- TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma Introdução Metodológica. *Educação e Pesquisa* 31(3), 443 –466. 2005. doi: 10.1590/S1517-97022005000300009